

O LUGAR SAGRADO E A EXPERIÊNCIA DEVOCIONAL**THE SACRED PLACE AND THE DEVOTIONAL EXPERIENCE****EL LUGAR SAGRADO Y LA EXPERIENCIA DEVOCIONAL****Antonio Jarbas Barros de Moraes¹**

Resumo: Esta pesquisa, realizada entre 2020 e 2023, compreendeu a experiência religiosa nas Novas Comunidades Católicas (NCCs) Maranata e Rainha da Paz, situadas em Sobral (CE). O objetivo do artigo é discutir os significados geográficos dos lugares sagrados que emergem dessas comunidades, originárias da Renovação Carismática Católica (RCC). Para abordar essa questão, adotamos uma perspectiva teórica fundamentada na Geografia Humanista e na Geografia da Religião, com ênfase na sensibilidade desses lugares sagrados, especialmente aqueles que se destacam pelas práticas de devoção mariana. Também foram considerados os dramas sociais, compreendidos como as dinâmicas que transitam do político ao religioso. A metodologia incluiu a participação nas atividades das comunidades, complementada por uma análise documental, o uso de fotografias, folders, mapeamentos cartográficos e cognitivos, além de entrevistas, cujas contribuições foram particularmente discutidas neste texto. O resultado foi uma abordagem geográfica das experiências religiosas geradas nos lugares sagrados, contribuindo para o entendimento das questões religiosas na Geografia.

Palavras-chave: Drama social; Participação; Consagração do lugar; Significado geográfico.

Abstract: This research, carried out between 2020 and 2023, covered the religious experience in the New Catholic Communities (NCCs) Maranata and Rainha da Paz, located in Sobral (CE). The aim of the article is to discuss the geographical meanings of the sacred places that emerge from these communities, which originate from the Catholic Charismatic Renewal (CCR). To address this issue, we adopted a theoretical perspective based on Humanist Geography and the Geography of Religion, with an emphasis on the sensitivity of these sacred places, especially those that stand out for their Marian devotion practices. Social dramas were also considered, understood as the dynamics that move from the political to the religious. The methodology included participation in the activities of the communities, complemented by a documentary analysis, the use of photographs, folders, cartographic and cognitive mapping, as well as interviews, whose contributions are particularly discussed in this text. The result was a geographical approach to the religious experiences generated in sacred places, contributing to the understanding of religious issues in Geography.

Keywords: Social drama; Participation; Consecration of place; Geographical significance.

Resumen: Esta investigación, realizada entre 2020 y 2023, analizó la experiencia religiosa en las Nuevas Comunidades Católicas (NCC) Maranata y Rainha da Paz, ubicadas en Sobral (CE). El objetivo del artículo es discutir los significados geográficos de los lugares sagrados

¹ Doutor em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC/Fortaleza-CE). Secretaria Educacional de Sobral/CE. Email: jarbasgeografia@gmail.com Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/7741131970076425> Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0003-3905-0657>.

que surgen de estas comunidades, originarias de la Renovación Carismática Católica (RCC). Para abordar esta cuestión, adoptamos una perspectiva teórica basada en la Geografía Humanista y en la Geografía de la Religión, con énfasis en la sensibilidad de estos lugares sagrados, especialmente de aquellos que se destacan por sus prácticas de devoción mariana. También se consideraron los dramas sociales, entendidos como las dinámicas que transitan de lo político a lo religioso. La metodología incluyó la participación en las actividades de las comunidades, complementada por un análisis documental, el uso de fotografías, carpetas, mapeo cartográfico y cognitivo, así como entrevistas, cuyas contribuciones se discuten particularmente en este texto. El resultado fue una aproximación geográfica a las experiencias religiosas generadas en los lugares sagrados, contribuyendo a la comprensión de las cuestiones religiosas en Geografía.

Palabras clave: Drama social; Participación; Consagración del lugar; Significado geográfico.

Introdução

A presente compreensão tem como ponto de partida a experiência religiosa devocional das Novas Comunidades Católicas (NCCs), com o objetivo de compreender os significados geográficos do lugar sagrado. Ela é fruto de uma pesquisa realizada em Novas Comunidades Maranata e Rainha da Paz, situadas em Sobral (CE), entre 2020 e 2023. As NCCs têm sua origem na Renovação Carismática Católica (RCC) e suas práticas englobam o carisma interno, a força missionária, propósitos de vida e aliança, obediência hierárquica, celibato, culto aos ministérios e oração pessoal.

Na revisão teórico-metodológica, utilizou-se como referencial preponderante a Geografia da Religião, que nos auxilia na compreensão dos fenômenos religiosos a partir de seus significados contextualizados espacialmente, conforme estudado por Rosendahl (2018) e Souza (2017). Também se faz um esforço associativo à sensibilidade do lugar estudado, considerando aproximações aos estudos de Tuan (2012). Além dessas duas perspectivas complementares, aborda-se o drama social, uma categoria antropológica desenvolvida por Victor Turner (1974, 2008), que se traduz nas fases de conflito da vida social e, em função, do constante movimento plural da sociedade, se apresenta como uma leitura do contínuo espacial das práticas cotidianas.

Este drama possui a capacidade de influenciar e ser influenciado por dinâmicas intensas, frequentemente manifestadas publicamente, que abrangem a ordem social, o universo simbólico religioso, as estruturas sociais, seus sujeitos, valores, costumes e, de maneira especial, a cultura. Assim como o autor, entendemos as práticas carismáticas como dramas sociais-religiosos, que se desenvolvem no contexto de questões geopolíticas de evangelização, que transitam do local ao global e vice-versa. Esse processo de consagração de lugares, por ser um contínuo espacial, não possui um fim definido, estando sempre em

processo, ocorrendo constantemente, e atravessando diferentes temporalidades, resultando na criação de lugares sagrados, como, por exemplo, a Maranata.

A metodologia adotada envolveu a imersão no fenômeno religioso dos grupos pesquisados. A participação não se limitou apenas a imitar suas práticas, mas a vivenciar o fenômeno de modo a acessar outras camadas de significados, por meio de documentos, decretos, guias, livros, colares, agendas, álbuns e outros artefatos que pertencem ao universo simbólico da comunidade. Este retorno ao campo de pesquisa é multifacetado, é essencialmente fenomenológico, uma reintegração que nos permite reviver o que ainda estava por ser elucidado. Neste texto, destacam-se as entrevistas realizadas com membros da comunidade Maranata e com um representante diocesano, como possibilidade de vias interpretativas para compreender o modo de vida comunitário e sua influência sobre o lugar. Essas experiências nos ajudaram a desvendar alguns significados das vivências religiosas, que se desdobram e se revelam nas próximas seções.

A metodologia espacial da participação no modo de vida comunitário religioso

Estudamos, especialmente neste artigo, a Nova Comunidade Católica Maranata devido à sua relevância religiosa para a realidade católica sobralense. Sua dinâmica representa o componente espacial fundamental para a compreensão dos significados religiosos. Isso foi possível graças à nossa participação nas práticas organizacionais e devocionais, realizadas nesses lugares (Oliveira; Moraes, 2024).

A participação é o acontecimento da experiência no sentido ontológico no modo verdadeliano (Dardel, 2011). É o impulso que valida a experimentação do ser na sua existência no espaço, de modo que a relevância da pesquisa se encontra nas dimensões sensíveis do lugar, seja por meio dos sentidos corporais ou da imaginação. Assim, os significados das narrativas, expressos por meio de mapas, poesias e, neste caso, de entrevistas, são múltiplos e ininterruptos.

Ao nos envolvermos, pudemos perceber os efeitos contínuos, políticos e transcendentais das práticas religiosas, as quais, consagram os lugares. Esse processo de consagração, associado ao contexto devocional das comunidades, é o que dá origem ao lugar sagrado. Para entender melhor esse processo, nos aproximamos dos sujeitos espaciais envolvidos, os carismáticos, sendo que a participação foi essencial ao longo do percurso, permitindo-nos construir afinidades e, assim, acessar diferentes repartições das comunidades e realizar entrevistas.

Ao longo dos anos de 2020, 2021 e 2022 que conquistamos a intimidade necessária para conduzir as entrevistas, as quais, de maneira fenomenológica, ajudaram a conceber a essência simbólico-religiosa da realidade comunitária (Moraes, 2023). Além dos dramas sociais que emergem nas tensões do viver cotidiano, onde a estabilidade é constantemente questionada e colocada em movimento pela pluralidade cultural, esses conflitos são vividos, gerando significados espaciais.

Um dos eixos de compreensão apresentados é oriundo do interesse do geógrafo pela fenomenologia, a qual tem aprofundado a abordagem cultural e humanista da Geografia. Angelo Serpa (2019) indica algumas portas de entrada para o geógrafo à fenomenologia. Essa ideia metafórica da porta anuncia o encontro do homem com o mundo. A mundanidade, neste caso, não é uma aversão à ordem humana, mas pode ser uma situação de possibilidades interpretativas diante das evidências espaciais presentes nas práticas culturais.

Esse encontro com os mundos é possível pela percepção que, em Merleau-Ponty (1999), é um pensamento fundador, realização e inacabamento, um estar antes de todas as coisas, e é nele que o resto do mundo se faz. Em outros termos, é o retorno, ao qual estamos nos referindo em alguns momentos, ao pertencimento à existência espacial, mas que, por alguma razão, foi negligenciado. Uma terceira possibilidade de imersão nas práticas humanas, discutida na religião, pode ocorrer pela poética do espaço, sugestão de Bachelard (1993), na qual a especificação da imagem poética opera pela repercussão (o plano da vida) e pela ressonância (aprofundamento da existência). A dupla operação, ressonância-repercussão, aproxima a experiência geográfica do que é vivido e o que é sentido.

As experiências religiosas também são fenomenológicas, estando em constante produção. Assim, as dimensões espaciais dessas experiências, que despertam a consciência geográfica, estão ligadas à compreensão geográfica da religião (Souza, 2017). Costa (2010, p. 39) afirma que “o estudo da religião na geografia se fundamenta em múltiplos olhares, segundo os quais os lugares sagrados constituem um campo investigativo”. Esse olhar nos permite compreender o estudo do lugar, não apenas como um espaço fixo, mas como um local impregnado de significados simbólicos e espirituais, moldados pela prática e vivência das comunidades. Ao estudá-los, percebemos que são cenários de fé e dinâmicas constantemente recriadas e transformadas, variando de acordo com as tensões e influências culturais.

Neste sentido, Rosendahl (2002), escreveu que “lugar sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca. Ele não apenas encoraja a devoção, como a exige, não apenas induz a aceitação intelectual, como reforça o compromisso do devoto”. O lugar

sagrado, diante do exposto, é um agente ativo que atrai o devoto à ação, à entrega e à transformação. Ele compõe uma relação de reciprocidade, onde o devoto é atraído pelo processo sacralidade e é desafiado a corresponder com sua devoção. Essa dinâmica entre o sujeito e o lugar sugere que o espaço é moldado pela prática religiosa, criando um simbolismo espacial evidente e intrínseco, que é o despertar da atenção do geógrafo.

A partir da noção de lugar sagrado e das dinâmicas espaciais associadas, bem como da compreensão espacial no contexto da Geografia da Religião, buscamos retornar às questões espaciais por meio da participação. Foi assim que nossa imersão nas experiências religiosas das comunidades teve início em 2020. No entanto, devido à pandemia de Covid-19, declarada pela OMS em 11 de março daquele ano (OMS, 2020), as organizações religiosas, assim como outros setores e instituições, viram suas atividades temporariamente paralisadas (Oliveira et al., 2020). Com o avanço das campanhas de vacinação, a metodologia de pesquisa priorizou uma demanda presencial, que apesar das redefinições ou prorrogações, seguiu um instrumental viabilizado pela experiência de campo.

Na aproximação presencial, nos anos de 2021 e 2022, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) serviu para resguardar informações sigilosas. Outros documentos como o Termo de Autorização foram utilizados para entrada na comunidade e o Termo de Concessão para ter acesso a registros documentais de arquivos da comunidade. Tais trâmites foram importantes para o recrutamento e para oferecer confiabilidade aos participantes nas entrevistas.

As entrevistas foram realizadas com membros de umas das comunidades. O caráter semiestruturado possibilitou que alterações fossem feitas no instante do diálogo. No total realizamos cinco entrevistas, sendo uma com um representante diocesano, sujeito denominado ao longo do texto como D1, e quatro com membros da NCC Maranata, mencionados como M1, M2, M3 e M4 (Quadro 1).

Os nomes dos sujeitos são significativamente indispensáveis na narrativa da vida religiosa, principalmente se forem relacionados a homenagens devocionais. Ademais, a presença das siglas tem a ver com o uso do TCLE. A partir das narrativas, podemos situar os discursos no contexto espacial do lugar sagrado, Maranata. Para tanto, contamos com a disponibilidade desses sujeitos espaciais. E a partir das entrevistas, foi possível conceber uma abordagem dispondo de alguns significados espaciais da consagração do lugar, porém com horizontes abertos para outras possibilidades perceptivas.

Quadro 1 - Perfil dos entrevistados

Entrevistados representados por siglas		
Sigla	Local	Significados
D1	Diocese	Representante do clero que pertence ao grupo administrativo-religioso da diocese de Sobral (CE).
M1	Maranata	Membro que compõe a liderança da comunidade.
M2	Maranata	Membro que pertence aos grupos internos de evangelização.
M3	Maranata	Membro de ações sociais do bairro promovido pela comunidade.
M4	Maranata	Membro oriundo de um dos grupos de jovens da comunidade.

Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

A noção de lugar a partir do drama social religioso

A noção de lugar a partir da vida religiosa em experiências em lugares sagrados marianos é encarada a partir das experiências do pesquisador e dos sujeitos espaciais, e do imaginário religioso destes lugares através do qual foi possível uma compreensão geográfica. Apresentamos um apanhado epistemológico sobre a noção de lugar no contexto humanista e cultural da Geografia, inclusive, da perspectiva de *communitas* enquanto drama social que inspira o olhar geográfico.

O diálogo epistêmico é iniciado com a intenção de contribuir para as discussões sobre o lugar, propondo modos de compreensão a partir da imagética espacial, aquilo que é feito e vivido por meio da imaginação geográfica, fundamentada na percepção dos significados produzidos pela experiência humana. Nesse sentido, Werther Holzer (2011), referenciando Dardel (2011), destaca a importância das essências nos estudos fenomenológicos, pois elas emergem das experiências humanas na Terra.

Marandola Jr. (2014) corrobora essa perspectiva ao afirmar que essa abordagem interroga os sentidos das coisas, revelando um mundo individual e coletivo que não se limita à mera objetividade das coisas ou a uma morfologia estática, mas que é constantemente questionado em suas relações de ser-no-mundo. Esse movimento, por sua vez, constitui uma crítica explícita às grandes estruturas mercadológicas, que tendem a apresentar as locações como bem delimitadas, mesmo em uma escala global.

Em outra conceituação, Doreen Massey (2000) pensa o lugar por meio das tensões políticas e dos desejos que reverberam uma discussão voltada para contatos intra-inter-nacionais. Diante dois pontos de vista anteriores, o espaço engloba as dinâmicas dos lugares, sejam elas econômicas ou culturais, influenciadas e (re)criadas pelas vivências significativas, tomadas como construção social para tentar pôr ordem no cotidiano e além para perceber os impactos dos sentidos extraordinários da vida religiosa.

Das práticas humanas às diversidades de saberes, aos desejos e às aspirações, surge uma geografia emergente, própria do sujeito transcendental. É o modo de ser em situações geográficas variadas, e a tentativa de compreender as relações mundanas com o lugar (Marandola Jr., 2014).

Para a Geografia, é preciso incorporar essas diversidades nas suas dimensões de análise para adquirir um estudo de saber universal. Essa demanda também deve considerar as sociedades, suas diversidades, em diferentes graus e representações. Isso “nasce da experiência que os homens têm dos lugares e das emoções que esta suscita” (Claval, 2010, p. 55). Os saberes produzidos nas experiências permitem que as pessoas criem sentidos e orientações espaciais que se tornam elementos indispensáveis para os indivíduos no que tange ao conhecimento do lugar.

Na obra de Tuan (2012) o lugar possui/expressa sensações de pertencimento e a dimensão da experiência de mundo. É também uma contribuição para a superação de uma importante questão ontológica que separa sujeito e objeto. É preciso entrelaçar modos de ser espaço, lugar e entes (coisas quaisquer), oferecendo compreensões inter-relacionadas (sujeito-objeto) que não se resumem à extensividade puramente cartesiana. Nesta direção, Edward Relph (2014) compreende que a essência implica continuidade e experiência aberta ao mundo dos significados.

O lugar pode representar o modo como uma comunidade utiliza a sua situação social, no caso deste texto, a situação é religiosa. O lugar associado à parte religiosa com ótica do sagrado, é melhor exprimido pelos pontos sensíveis do mundo, o exemplo das Novas Comunidades Católicas, demarcado para a Maranata, acionados pela presença humana na Terra. Com a amplitude espacial presente, tendendo para o infinito geográfico, recorreu-se à continuidade simbólica do lugar que comunica a sucessão de significados de potencial dramático e *communita*, o sentido de lugar percebido, vivido e sentido, porém jamais encerrado.

Victor Turner (1974) influenciou essa premissa ao conceber a projeção liminar, um conceito que transcende os limites do tempo da ação, situando-se tanto dentro quanto fora das estruturas sociais, e que se caracteriza pelo saber que identifica relações que podem estar rigidamente estabelecidas ou em constante movimento. Trata-se da liminaridade em processo. A ideia de *communitas* é uma das suas teses centrais sobre a comunidade. Essa concepção, no entanto, não se limita à sociabilidade. Ela também envolve a vivência de uma condição humana que é sagrada, política e religiosa, posições que são adquiridas ao longo dos processos de passagem. Não sendo fixas, essas condições possuem uma mobilidade liminar.

A imprecisão em relação ao sentido de comunidade, está relacionado ao que o autor verificou sobre dramas sociais, conseqüentemente, ao contexto das Novas Comunidades Católicas (NCCs) sobralenses que dispõem de significados dramáticos religiosos, políticos e econômicos. Estes dramas sociais são um processo de transformação social e espiritual, no qual sugerem instantes superação pela ação reparadora do sagrado, relacionada também à vida cotidiana. As direções de afirmação das comunidades são divergentes, por isso, conflitantes e sem um ordenamento preciso.

O sagrado oferece alguns dos significados necessários para uma compreensão imagética daquilo que está ao alcance da pesquisa. As manifestações do sagrado no espaço são visíveis tanto nos lugares sagrados, como santuários e templos, quanto na vida comunitária. A sacralidade espacial representa uma experiência que envolve acontecimentos, aparições e milagres. Nesse contexto, há uma variação de espaços sagrados, definidos pela fé, onde o sagrado se manifesta de diferentes maneiras (Rosendahl, 2008; 2009; 2018). A religiosidade, que não se restringe à sacralidade espacial, é igualmente relevante, pois se manifesta de diversas formas.

Neste sentido, embora se reconheça a importância e a força do sagrado, é fundamental também considerar aquilo que está envolvido no contexto dramático da comunidade, com sua ordem imagética, originada da trama imaginativa influenciada pela percepção do sagrado, política, econômica, mística e religiosa. Dessa forma, a compreensão do sagrado implica não apenas em sua manifestação no espaço, mas também em um modo de ser e de existir, que se reflete nas dinâmicas sociais e culturais que o envolvem.

As Novas Comunidades Católicas (NCCs) são uma vertente do movimento de Renovação Carismática da Igreja Católica Apostólica Romana. Esse movimento renovador teve início em 1967, nos Estados Unidos, influenciado pelas mudanças estruturais promovidas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), que propôs transformações reinterpretadas para os

novos tempos. Trata-se de transformações temporais e espaciais que a Igreja implementa para adequar a questão religiosa à vida dos fiéis, politizando as práticas devocionais e ampliando a difusão da fé para múltiplas direções, espaciais, tecnológicas, políticas, entre outras. Além disso, busca atrair novos fiéis e consagrar "novos" lugares.

Jefferson Oliveira (2017), na sua tese de doutorado, ajuda-nos na compreensão a respeito da renovação carismática, identificando que as ações carismáticas de contato e comunicação podem ser capazes de assegurar a hegemonia de novos grupos devocionais. As práticas de renovação conectaram vivências religiosas tradicionais, revitalizando-as a seu modo (Oliveira, J., 2017).

A chegada da Renovação Carismática Católica (RCC) na América Latina se deu em fases, e que segundo Brenda Carranza (2009) podem ser descritas como: a *fase fundacional*, com a estruturação do movimento, nos anos de 1960 e 1970; a *fase social e cultural*, nos anos de 1980 e 1990, em que ocorre a consolidação de um estilo de evangelização a partir da música, do lazer e da oração, como um processo de continuidade do carisma; e a *fase midiática*, dos anos 2000, a partir do qual os meios de comunicação são principais veículos de difusão carismática.

A sofisticação da tecnologia informacional na contemporaneidade tornou a divulgação por meio das redes sociais, com designs apelativos dos eventos, uma prioridade para as Novas Comunidades Católicas (NCCs). No contexto da pandemia de Covid-19, a intensificação das atividades midiáticas ficou ainda mais evidente nas transmissões ao vivo via redes sociais, nos canais do YouTube e em outras plataformas. Diante das dinâmicas que atravessam as sociedades no espaço e no tempo, há ajustes constantes a cada nova situação, os quais repercutem na consagração dos lugares, especialmente ao refletirem o drama social vivenciado pelas comunidades em momentos de estabilidade e crise.

O lugar sagrado: Nova Comunidade Católica Maranata de Sobral (CE)

Nesta seção, o lugar sagrado é compreendido a partir da experiência religiosa vivida na Nova Comunidade Católica Maranata de Sobral (CE). É por meio das experiências do pesquisador e dos sujeitos espaciais, assim como da essência das práticas dos lugares sagrados, que essa compreensão geográfica se torna possível (Holzer, 2011; Marandola Jr., 2014). A escolha do termo "sujeitos espaciais" está relacionada à capacidade de transitar pela dimensão simbólica das comunidades, que são continuamente ressignificadas.

A menção de consagração sugere um senso de importância e respeito pelos significados e práticas associadas à religiosidade, o que pode ser visto como uma expressão de apego simbólico ao lugar. “Os geógrafos avaliam o significado central do que define a consagração de um lugar” (Rosendahl, 2018, p. 77). Isso está em consonância com a relação do sujeito espacial, que pode ser afetiva, conflituosa e carregada de significados.

Tuan (1978) sugere que o conceito de sagrado vai além de objetos ou espaços físicos, como imagens, templos e santuários. Ele está mais relacionado às experiências emocionais intensas que essas manifestações provocam nas pessoas. Essas experiências se destacam da rotina diária e do comum, criando momentos únicos e significativos. O sagrado, portanto, não reside nos lugares em si, mas na ruptura emocional que ele provoca, uma ruptura que se afasta do cotidiano para se conectar com algo mais profundo e transformador.

Essa ideia pode ser relacionada à realidade dos carismáticos, que vivenciam seus carismas e a vida comunitária por meio de um movimento que vai da vida comum para a vida consagrada. Essa transição está ligada tanto a espaços fixos, como a sede e outros locais de culto, quanto a espaços não fixos, onde acontecem as experiências emocionais de grupos em performances, reuniões e orações.

As entrevistas realizadas com representantes da diocese e membros da NCC Maranata ofereceram uma visão sobre os significados atribuídos ao lugar sagrado. Por meio dessas conversas, foi possível entender como os indivíduos estabelecem vínculos com o lugar e o consagram, destacando a importância das experiências emocionais e espirituais no processo de tornar-se sagrado. A comunidade tem o objetivo de disseminar suas práticas religiosas e reforçar o sentido de lugar sagrado, não apenas em sua sede comunitária, mas também em outros ambientes, como as casas de missões, onde as vivências espirituais continuam a ser construídas e compartilhadas.

A vivência religiosa nos lugares sagrados, combinada com o drama social da experiência comunitária, contribui para a construção contínua de significados atribuídos ao lugar, como nos aponta Turner (1974; 2008). Esse processo de produção de significados despertou o interesse do geógrafo, que buscou compreender, a partir das experiências relatadas pelos sujeitos espaciais nas entrevistas, como essas vivências pessoais enriquecem a percepção do lugar.

O contexto das entrevistas envolvia uma reunião de alinhamento entre membros e o fundador da Maranata, não sendo a primeira vez que a participação fez parte das atividades de campo, porém, nesta se multiplicou a intensidade das conversas a respeito da comunidade,

assuntos corriqueiros sobre a pandemia, violência na cidade e sobre as atividades paroquiais do mês de maio. No dia 16 do mês de maio de 2022, ocorreu a primeira entrevista com o M1. Foram posicionadas duas cadeiras, uma de frente para a outra, logo em seguida foi iniciada a gravação de uma breve narrativa dos propósitos políticos-religiosos da comunidade. Os membros, tanto o M1 quanto M2, M3 e M4, contaram suas versões sobre a vida religiosa comunitária. Chegar antes das atividades iniciarem possibilitou o contato direto e, conseqüentemente, reforçar presencialmente o convite para entrevistas antes feita *on-line*, além de percorrer o lugar para conhecer repartições administrativas, capela, auditório e área de convivência.

Nos dias 16 e 17 do mês de maio, o destino foi a Cúria, na intenção de conversar com algum agente diocesano, mas por ser a primeira vez neste lugar, a passagem rendeu em conversas prolongadas com alguns padres e secretárias. Na oportunidade, houve troca de contatos para comunicação a respeito de um retorno posteriormente. O retorno só foi possível no dia 9 de agosto de 2022, com disponibilidade de um dos representantes diocesanos – D1, este quem nos relatou acerca dos vínculos entre dioceses e as Novas Comunidades Católicas (NCCs). Partiram dessa entrevista algumas orientações a respeito do acesso a documentos, tratam-se de arquivos próprios de cada associação.

Perguntado sobre o processo de fundação de uma comunidade, o sujeito espacial D1 respondeu:

Depois de um tempo de vivência, então vão elaborando os seus estatutos, estatutos e Regimento Interno, regra de vida, são duas coisas diferentes. E apresentam ao bispo, normalmente o bispo dá uma aprovação a experimento por tantos anos. Isso às vezes é renovada. Agora mesmo a Comunidade Filhos de São, depois de 20 anos, é que veio ser reconhecida com status de definitiva. Filhos de São do Marco. Então, às vezes passa por um longo período (D1, 09 de agosto de 2022).

O processo de fundação não é imediatista. Mostram-se algumas características da comunidade, que não se bastam na vivência do fundador, é dependente de um reconhecimento da Igreja. Esse tempo de experiência precede a aprovação estatutária, e nela deve conter ações que deram início ao agrupamento e que devem se projetar para o futuro, portanto, algo que deve ser visto com atenção pelos fundadores e pelas dioceses. Essa temporalidade pode ser renovada ou encerrada, atestando a impossibilidade de continuidade da associação ou reconhecendo o seu *status* de definitivo. Mesmo que elas derivem de grupos de orações que têm uma vida comunitária associada à Igreja, é preciso um acompanhamento instruído clericalmente. Essa relação de dependência mostra a unidade da Igreja no que se refere à

capacidade de manutenção conservadora das suas ações no caso das comunidades, no entanto, desensinando e impedindo o seu desenvolvimento particularizado (Massey, 2000).

Para ajudar a compreender a questão da fundação, destaca-se um dos trechos do depoimento cedido por M1 (2022) que revela: *“essa escolha, ela é muito pelo chamado de Deus, pelo carisma, por aquilo que Deus vai nos inspirando ao longo da caminhada. Então uma comunidade não se cria, não é uma criação, não é uma invenção”* (M1, 16 de maio de 2022). Apesar de atribuir, nesse trecho, a fundação ao contato com o sagrado, não a entende como uma criação humana do desejo pessoal e dominador de conduzir um grupo religioso, muito bem discutido por Max Weber (1991).

A reunião de membros deriva da vivência em outras comunidades, a participação tem como requisito esse contato com outra realidade católica carismática, assim conforme é afirmado: *“eu já participava de outra comunidade”* (M1 e M2, 16 de maio de 2022). De um engajamento individual que reproduz a conduta da liderança comunitária, como é dito: *“o meu chamado. Eu sou um jovem de 24 anos, hoje em dia é muito difícil você encontrar um jovem que esteja engajado, hoje eu sou consagrado da comunidade, e há mais ou menos dez anos atrás, nosso senhor me chamou”* (M4, 16 de maio de 2022).

E uma continuidade hereditária: *“a minha entrada na comunidade foi muito bem-vinda. Eu sou de família já católica, meus pais são da Fundação dessa comunidade”* (M4, 16 de maio de 2022). O encontro de membros com a comunidade é envolvimento do imaginário mariano, no movimento espaço-temporal e pertencimento ao lugar (Tuan, 2012).

Essa prática religiosa é concretizada pela experiência carismática, que:

Quer dizer o Carisma, o Espírito Santo, assume o Espírito Santo, chama quem quer. E a gente não pode impedir que o Espírito Santo aja. Então isso é como acontece com as novas comunidades, às vezes eu tenho visão crítica também, eu reconheço o bem que as Novas Comunidades da Renovação Carismática, as novas comunidades chamadas, realizam, muita gente teria se perdido, e muita não estaria na Igreja, sobretudo jovens, se não fosse a Renovação Carismática, a maneira feliz, inovadora, descontraída de viver a fé além do rito, dando oportunidade às pessoas de externar os seus sentimentos, tudo isso. Isso traz um bem muito grande, muito grande. Porém, a Renovação Carismática, fundamentalmente, ela começa nos Grupos de Oração, o que caracteriza a Renovação Carismática, a princípio, não são as novas comunidades, são os grupos de oração. Eu mesmo fiz parte de um grupo de oração. E era algo muito bom (D1, 09 de agosto de 2022).

Existem pelo menos dois sentidos, um positivo que promove uma ordem na vida da juventude, ao passo que é disseminada uma ideia de inovação da fé que pode superar a ritualização cerimonial das celebrações, expressando de maneira espontânea seu modo de vida religioso. Por outro lado, um sentido que reverbera o nascimento da Renovação Carismática

Católica (RCC) nos grupos de oração. Uma diminuição destes ajuntamentos de fiéis parece o incomodar, atrelando “*algo bom*” ao que viveu no passado como modelo de referência religiosa. Essa diversidade tem a ver, na visão de Rosendahl (2018) com as práticas devocionais que ajudam na construção do simbolismo do lugar. Ainda com esse tom de criticidade, ele continua:

Fui ler [estatutos]... primeiro reunimos toda a comunidade em torno, o pároco e o chanceler da cúria, que é o canonista, para a gente ver os estatutos juntos. Aí tinha assim: pobreza, só citei no máximo dois pares de sapatos. Não se pode ter além de duas ou três camisas, duas calças. Mas não é muito rigoroso? Vocês não estão fazendo algo com muito rigor? Isso não é algo que estamos criando agora, a gente vive isso há mais de 15 anos, aí a gente se espanta. A gente tem uns vocacionados seminaristas, a gente procura por regras e diminuir as coisas e reclamam. E esse pessoal, espontaneamente, sem imposição de ninguém escolhe viver dessa forma, isso é ação do espírito. Isso só pode ser ação do espírito. Então é algo fascinante, é o lado positivo que eu vejo. Agora é o lado preocupante, eu não digo negativo, mas preocupante, é que houve uma proliferação de novas comunidades, todo grupo de oração de repente inicia uma nova comunidade (D1, 09 de agosto de 2022).

Enfatiza-se que existem elementos exacerbados presentes nos estatutos. Mas que também são considerados uma questão de escolha, de modo que a Igreja não intervém se já houver obediência, aquilo que ela tanto busca, e está sendo feito espontaneamente. Há o encontro de interesses envolvidos entre aquilo que é feito pela comunidade e o idealizado canonicamente. O discurso seria justificado assim, pelo que é praticado, como a questão do voto de pobreza. A princípio parece improvável, porém é um processo de dedicação reproduzir o que a Igreja faz em prol do reconhecimento diocesano. A rápida difusão das comunidades deve favorecer aos interesses institucionais, por isso, deve ser acompanhada e se atender aos fundamentos internos, é reconhecida e é estabelecido um controle eclesialístico (Urrego-Romero, 2019)

As vivências dos membros tendem para um encadeamento de práticas ligadas à Igreja, ao carisma e à vocação. Viver a vocação é “*algo parecido [com o carisma], mas ao mesmo tempo ela é mais específica, até porque nós temos vocações religiosas, vocações leigas, vocações sacerdotais, a própria vocação profissional de cada um*” (M1, 16 de maio de 2022).

Isso dito, é que o carisma seria da ordem extraordinária da divindade e a vocação advém da motivação induzida na formação da comunidade, daí brota uma escolha pessoal. Com isso, a vocação de um membro corresponde a uma relação de significados entre esses pares sagrados, antecedente à existência da comunidade e originário das ações da Igreja. Envolve também a sacralização como o ininterrupto processo de busca pelo sagrado de

sentidos institucionais e pessoais que sacraliza a si e o lugar (Rosendahl, 2018; Oliveira, 1999).

A narrativa revela que o lugar também é moldado por uma valorização especial da vocação religiosa, que, segundo ele, remete a algo transcendente, distinto das esferas terrena, profissional e outras. Esse enfoque estaria relacionado à capacidade de lidar com as questões cotidianas sem causar grandes distúrbios nas estruturas sociais (Campos; Nascimento Jr., 2013).

Isso é resultado da multiplicidade de dinâmicas espacialmente associadas à caminhada devocional, nela *“nós trazemos para a nossa realidade e conseguimos vencer as batalhas porque a experiência de viver espiritualmente com meu irmão, eu consigo vencer na minha vida cotidiana lá na minha casa”* (M2, 16 de maio de 2022). A experiência coletiva entre os membros, destacada na fala, envolve tanto a vida religiosa quanto a cotidiana (Claval, 2010). Embora a religiosidade se apresente como uma força intensa que orienta o viver humano, outras questões igualmente essenciais também estão presentes.

O vínculo entre o transcendental e o cotidiano é evidente, uma vez que o empenho no *“viver espiritual”* não só orienta a jornada de fé, mas também impulsiona a busca por um alívio e sustento diários.

Um dos sujeitos conta que:

E precisam ser acompanhadas pela Igreja, a necessidade de se fazer com que os fiéis tenham liberdade de se associarem. É uma associação de fiéis pública. É o que são as Novas Comunidades. Mas muitas vezes precisa também ter uma associação registrada, uma associação civil porque tem questão de bens. É muito preocupante quando o fundador cria uma coisa dessa, começa passar bens no nome dele e depois, se ele morre, a família vai brigar por esses bens, e a comunidade toda foi quem contribuiu para arrecadar (D1, 09 de agosto de 2022).

No trecho da entrevista, aponta-se uma preocupação com o acompanhamento eclesial nas associações. A institucionalização das ações da comunidade garante a finalidade dos bens, sendo responsabilidade da Igreja realizar o registro legal. Apesar da afirmação de autonomia, existe uma relação de dependência entre a Igreja, a comunidade e seus membros. Os interesses envolvidos, além do religioso, justificam-se pela questão do destino dos bens, configurando uma relação de trocas entre instituições, nem sempre harmoniosa, como discutem Douglas e Isherwood (2009). Afinal, uma omissão resultaria em tensões na comunidade. A edificação da comunidade é coletiva, e isso inclui também a manutenção da infraestrutura física. Como disse um dos membros: *“os membros, eles dão alguma*

contribuição, não é uma contribuição volumosa, mas dá para os gastos” (M1, 16 de maio de 2022).

Perguntados sobre a relação entre comunidades, eles abordam que *“a gente tem a graça de trabalhar muito juntos” (M1, 16 de maio de 2022).* Outro disse que *“da minha comunidade para outra não existe diferença, o sentido é o mesmo. É ajudar um ao outro” (M2, 16 de maio de 2022).* *“Com o sagrado, nós temos aquela busca pela santidade. Então neste apoio da família, nós, comunidades, nos damos mais bem” (M3, 16 de maio de 2022).* Neste contexto, *“existe essa questão da união, da fraternidade que nós somos chamados a vivenciar com o povo no geral. É ter, realmente, consciência de que a comunidade Maranata, ela não se basta sozinha, mas que ela precisa dar outra comunidade” (M4, 16 de maio de 2022).*

A sincronia do discurso é muitas vezes ilusória, pois reconhece-se que existem *“tensões entre comunidades, paróquias e dioceses, desde o início da Igreja” (D1, 16 de maio de 2022).* Essas tensões não são apenas resultados de divergências superficiais, mas são induzidas por um sistema de ações dos membros, refletindo uma complexa produção de significados e articulações entre as esferas comunitária e clerical. A dimensão conflitiva do *“lugar”* não é homogênea; ela se manifesta de maneiras diversas e muitas vezes contraditórias, em relações instáveis tanto próximas quanto distantes, que transcendem o cotidiano e se direcionam à busca da divindade. No entanto, esse movimento não é linear, mas antes se configura como um drama social que envolve múltiplos sentidos e fricções, como apontado por Turner (1974).

No contexto comunitário religioso, o lugar adquire múltiplas formas de existência, que são tanto um retorno à sua produção histórica e fundadora, quanto uma constante marcação espacial (Merleau-Ponty, 1999; Serpa, 2019). Contudo, essa construção do lugar não se limita à história ou à geografia, mas envolve também o reconhecimento das diversas possibilidades interpretativas do movimento poético da espacialidade mariana comunitária, conforme nos sugere Bachelard (1993). Essa pluralidade de significados desafia a leitura geográfica, evidenciando a complexidade do lugar.

Essa poética espacial de relações não é tão amistosa entre Igreja e comunidade, e isso fica evidenciado com o seguinte relato:

A Igreja tem hoje se preocupado em manter uma unidade entre as comunidades, criou uma estrutura, o CHARIS, que procura reunir a renovação carismática, os grupos de oração e as novas comunidades. Inclusive, aquelas comunidades que já

são internacionais. O Papa Francisco já colocou que deve haver um período que o fundador deixe de ser o líder máximo. E que ele renuncie e outro assuma o seu lugar. Isso talvez venha a acontecer também nas comunidades diocesanas. Eu acho isso aí importante, nada é vitalício, até o papa renunciou, que é um cargo vitalício (D1, 09 de agosto de 2022).

Em referência ao autor citado anteriormente, adequa-se o seu modo de pensar ao contexto do espaço sagrado, portanto, poético, mas não uniforme; é proveniente do componente religioso da imaginação espacial do crente, com particularidades de cada contexto (Stump, 2008). Neste sentido, buscar o sagrado é específico de cada contexto e pessoa que afirma a singularidade do espaço (Eliade, 1992; Rosendahl, 2009). No trecho da fala do representante diocesano há um olhar do particular ao internacional, do diocesano sobre o Vaticano que estabelece um sistema de controle sobre as comunidades (Pierucci; Prandi, 1996).

Até certo ponto, pode-se notar que há ocasiões de consenso, em que Igreja e comunidade se confundem, porém, de dissenso, em que a hierarquia comunitária deveria ser repensada. *“Bom, aquele que é fundador de uma comunidade, ele tem muito orgulho de ser fundador de uma comunidade, quer dizer, quem é general, não quer ser soldado raso”* (D1, 09 de agosto de 2022). Essa metáfora do *“soldado raso”* se refere à circularidade do posto de liderança da comunidade que o fundador deveria deixar de liderar para outro membro assumir.

É uma criticidade que resguarda o interesse da Igreja em detrimento da autogestão comunitária. Há duas intencionalidades envolvidas, porém, preservam a questão conservadora interna que é justificada por uma romantizada devoção mariana, mas que tende para um marianismo conservador (Martins, 2017). Em outro trecho, a junção das comunidades é colocada em questão, sendo esta para o diocesano a solução para a dissolução destas lideranças: *“Por que não se juntam tudo e formam uma única comunidade? Por que se multiplicam fazendo a mesma coisa?”* (D1, 09 de agosto de 2022).

A autonomia das comunidades parece incomodar, conforme o relato seguinte:

Tem pessoas que participam da comunidade e deixam de participara das pastorais, das pastorais nas paróquias e muitas vezes planejam, fazem um planejamento, à parte, independentemente da existência da paróquia. A referência deixa de ser a paróquia para ser a comunidade. Eles dizem: Eu não tenho paróquia. E foi batizado numa paróquia e fez a crisma em outra. A CNBB se reunião, primeiro fez uma advertência à renovação carismática, existe um documento sobre isso. Depois um documento renovou a importância da paróquia. A paróquia não é uma instituição caduca. A paróquia deve ser uma rede de comunidades em movimentos. Então as comunidades devem estar inseridas na paróquia (D1, 09 de agosto de 2022).

É demonstrado descontentamento no que se refere ao comportamento religioso dos membros. Ao afirmar que existem planejamentos fora das paróquias, mesmo que estas comunidades tenham vínculos diocesanos, entende-se que a forma de buscar deve ajudar a reforçar o compromisso com as paróquias. Embora o planejamento remete a uma ideia de união entre membros e comunidade, se essa unidade não é derivada das ações que servem às paroquiais, poderá passar por advertências. A comunidade, segundo o sujeito carismático, não pode ter ações particularizadas que não sejam uma continuidade batismal. Então, o planejamento deve promover uma atividade em rede, sobretudo de retorno para a diocese via paróquias.

Baseado no processo de difusão, é afirmado que *“o nosso interesse não é divulgar a comunidade. O nosso interesse é divulgar o evangelho”*. O *“nosso trabalho, basicamente, é com evangelização”* (M1, 16 de maio de 2022). Assim, a religiosidade justifica que a propagação seria um processo natural, localmente e inter e nacionalmente que ganha proporções de acordo com o alcance da *“evangelização”*.

É primordial lembrar que para divulgar, além de missões pelos bairros vizinhos às sedes das comunidades, também fazem uso da tecnologia informatizada para irradiar suas ações. As comunidades estão próximas a uma realidade hipermoderna, no ciberespaço, em redes sociais, *sites* e canais de transmissões (Oliveira, J., 2017). Os meios tecnológicos, a Internet, Rádio e TV, trouxeram novas significações sobre o modo de ver e viver a religiosidade carismática, sobretudo aquelas relacionadas às celebrações, associada a uma mobilidade ininterrupta de sentidos. A realidade religiosa existe por uma construção constante, sobretudo quando se trata de assistir repetidas vezes a uma transmissão ao vivo a longa distância e a gravações em outra temporalidade.

Na corrente pandemia de Covid-19, a intensificação do uso dos meios de comunicação informatizados teve um papel fundamental para perpetuar a sacralidade entre os fiéis e a Igreja. As práticas de ir ao templo, peregrinar e, especialmente, se aglomerar para rezar, foram suspensas, ganharam ressignificação espacial e simbólico-religiosa restrita ao digital. É em torno destes meios de comunicação que a busca pela sacralização acentuou uma configuração temporária de manifestação de fé.

Apesar de os templos, capelas e sedes das comunidades terem sido fechados, foi na rede que o contato aconteceu em torno da devoção, mostrando-se eficaz a ponto de permanecer após o retorno das atividades presenciais. Como se vê, a religião, neste caso a católica, se adapta a cada temporalidade, utilizando-se de aparatos para manter vivo o seu

desejo político de ordenar a experiência religiosa do fiel (Moraes, 2022 e 2023). Neste sentido,

Nós fomos assim, de certas formas, obrigados a fechar os templos. A transmitir as celebrações a partir dos meios de comunicação e, nesse sentido, as comunidades colaboraram em preencher esse espaço, apresentar à juventude de uma forma, não digo só as comunidades, porém outros jovens que viram o seu talento, que essa galera já nasce conhecendo os meios de comunicação, a tecnologia. Então se sentiram úteis na Igreja, surgiu a pastoral da comunicação (D1, 09 de agosto de 2022).

A comunicação do devoto com o templo e com a divindade é colocada como uma responsabilidade da Igreja, por isso, foi criado um setor de comunicação para administrar a área da informação. Embora as comunidades tenham contribuído para a concretização destas práticas de transmissões e a juventude esteja ciente do manuseio das ferramentas tecnológicas, elas são atribuídas a uma vinculação institucional, cuja origem ordinária é secundária, de modo que a dimensão simbólico-religiosa da comunicação seria de criação mais interna que externa, que ao chegar ao externo acontece a recriação (Oliveira J., 2017).

Esse assunto acerca da pandemia se fez presente nas entrevistas. Indagados a respeito dela, os/as interlocutores/as responderam que: “*Sim, a gente teve a graça de trabalhar muito juntos*” (M1, 16 de maio de 2022). “*Onde foi o tempo mais forte para nos reunirmos no tempo da pandemia, o tempo mais forte de vigilância e oração. E nós não deixamos de maneira nenhuma de estar juntos, mesmo estando distante, distante e juntos, espiritualmente juntos*” (M2, 16 de maio de 2022). Nesse enfático trecho de fala, reconhece-se a junção existente entre os membros. Estar junto se apresenta diferente de uma realidade concreta, isto é, relaciona-se a uma ideia de fé que se aproxima da distância física e se aproxima do sagrado. É uma proximidade reforçada pelos meios digitais, brevemente discutidos.

A experiência remota ajudou a perceber alguma essência como propósito de vida:

Digo até que essa pandemia foi uma prova. O Senhor nos prova quando a gente está nesse caminho. Ele não provou só a comunidade, não somente a Igreja. Ele provou o mundo. Então foi o momento de nós nos apoiar. E até que eu digo, perdi minha filha, ela foi antes de mim. Porque eu creio que Deus tem um céu para nós. Então, assim como a minha filha foi para o céu antes de mim, eu penso que muitos foram para o céu antes de nós. Então nós continuamos a batalha aqui, nós que ficamos, nós conseguimos, nós, que Deus permitiu de nós passar por ela (M2, 16 de maio de 2022).

Notam-se dois elementos fundamentais, – o caminho e a batalha. Esse caminho simbólico é próprio da vida religiosa, qualificado por meio dos inúmeros significados produzidos na mobilidade terrena em torno da autos-sacralização (Souza, 2017). Os percalços

são habituais do modo de viver, porém, é deles que nasce a empatia. Isso citado, “*perdi a minha filha*”, além de um momento de empatia entre membros, é colocado em questão sobre quem deveria “*ir primeiro*”, no entanto, “*ficar*” também seria um privilégio dado pela divindade. Esse é um sentido essencial do lugar, que na comunidade é móvel espacial (Relph, 1976). O irrompimento de uma questão terrena, questionando o sentido existencial do membro, pode ir de uma situação autoexplicativa para uma ordem superior tendendo para o inexplicável. A dinâmica dos grupos, no remoto e no presencial, corrobora uma questão espacial sujeita a compreensões múltiplas, que ao responder à essência do lugar produz representação simbólica variada.

E a outra questão é a permanência do membro no grupo durante e após o período de isolamento social:

Assim, a gente viu muitos irmãos que se distanciaram. Mas, sim, a gente percebeu também que muitos retornaram, tendo esse retorno porque no momento da pandemia, eu acredito muito que as comunidades elas serviram de sinal de esperança para o povo. É porque tinha muita gente perdida, que não sabiam como fazer. Eu vejo por mim, se não fosse a comunidade, porque a gente saber que tinha horas que batia um desespero. Mas a gente tinha a quem recorrer, a gente tinha a comunidade, a gente tinha Jesus perto da gente (M4, 16 de maio de 2022).

Em Dardel (2011) o ser humano, com substantivação homem, centraliza a busca pelo seu sentido existencial, o mundo tem pontos forte, os centros para Eliade (1992). Além desses centros telúricos, biológicos e afirmativos de um processo político religioso ou um marianismo, os membros de uma comunidade identificam na sua subjetividade outros lugares dos quais pertencem. Na pandemia, a comunidade pôde vivenciar uma realidade atípica, mas que permitiu repensar a sua prática religiosa.

Por um lado, este sujeito compreende que a organização espacial comunitária foi um atrativo, – ponto de apoio, central e forte –, para uma desorientação no mundo e ali a existência continua a ter um sentido espacial que projeta a vida do membro. De modo que a disponibilidade coletiva da comunidade, ritualizada via redes sociais e outros canais *on-line*, ajudou a amenizar os efeitos catastróficos do tempo pandêmico.

Por outro lado, “*Trouxe um prejuízo muito grande. Mas eu não posso atribuir isso à comunidade. Mas, à Igreja como um todo*” (D1, 09 de agosto de 2022). Retoma-se a possibilidade dos fiéis de acompanhar celebrações pelos meios digitais, porém limitou a presença física. Nesse contexto, o que restou do isolamento social, além dos adesivos de distanciamento, uso de máscaras, público reduzido e dispersores de álcool que marcam a sensibilidade das interações sociais e a retomada das celebrações *in lócus*, foi que a

comunidade tem experimentado a mutabilidade das práticas devocionais que denotam a busca pelo sagrado; que impregnadas de simbolismo religioso devocional, realça a produção ininterrupta do sentido, institucional e pessoal; de que consagram o lugar, à vista disso significando o lugar sagrado.

Considerações finais

A compreensão geográfica dos lugares consagrados em Sobral (CE) foi construída a partir da experiência de campo detalhada no texto. No entanto, outras interpretações são possíveis, pois a vida religiosa envolve circunstâncias contínuas e conflituosas, nas quais os sujeitos espaciais participam ativamente para gerar o que Victor Turner (1974) chamou de *communitas*. A NCC em questão reflete o drama social de uma formação católica carismática, que desenvolve uma dinâmica contínua do lugar, intrinsecamente ligada ao universo religioso católico, conferindo-lhe o sentido de lugar sagrado.

A Nova Comunidade Católica Maranata poderia ser abordada por meio de diferentes perspectivas teóricas e premissas científicas, incluindo uma análise crítico-social, que exploraria as relações de poder, a dinâmica social e os impactos das práticas religiosas no contexto mais amplo na sociedade. No entanto, neste estudo, optamos por privilegiar o contexto espacial gerado pelas experiências vividas pelos membros dessa comunidade.

A pesquisa produziu uma narrativa espacial dimensionada nos projetos religiosos institucionais e pessoais, tensões, autonomias e dependência. A dimensão religiosa é diversa no que diz respeito ao merecimento: quem funda uma comunidade se considera merecedor de uma revelação divina. Por isso, antes de uma formalização institucional, o projeto de comunidade já surge de uma coletividade hierárquica. Uma nova comunidade católica nasce, assim, com uma liderança estabelecida e com princípios de diferenciação que a tornam única em relação a outras associações religiosas. Esse é o cerne devocional – o marianismo –, identificado nas comunidades.

A questão apresentada anteriormente representa uma das várias dimensões que emergem do processo de persuasão religiosa, um fenômeno que tem implicações diversas, e que merece outras considerações em estudos futuros. Ao abordar esse tema, nossa pesquisa não se propôs a emitir um julgamento de valores ou a tomar partido, mas a compreender os dramas e os contextos que moldam as práticas religiosas no lugar. Nesse sentido, a experiência de participação no campo de estudo possibilitou a produção de uma abordagem

cultural da Geografia da Religião. Esse enfoque permite uma reflexão sobre as forças político-religiosas que atuam no processo de manutenção do lugar sagrado.

Referências

- CAMPOS, R. B. C.; NASCIMENTO JR., J. I. Em Juazeiro do Norte, Nossa Senhora é Deus-mãe: um feminismo mariano? **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p. 174-197, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/hcBzVnXyWj8T9Q5yMXQvNZx/?lang=pt>. Acesso em: 08 nov. 2024.
- CARRANZA, B. Perspectivas da neopentecostalização católica. In: CARRANZA, B.; M. C.; CAMURÇA, M. **Novas Comunidades Católicas: em busca do espaço pós-moderno**. Aparecida: Ideias & Letras. 2009.
- CLAVAL, P. **Terra dos homens: a geografia**. Tradução de Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.
- COSTA, O. J. L. Hierópolis: o significado dos lugares sagrados no sertão cearense. In.: ROSENDAHAL, Z. (Org.). **Trilhas do sagrado**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010. p. 35-60.
- DARDEL, E. **O Homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução de Werther Holzer. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ELIADE, M. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Mello Joscelyne. 1. Ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HOLZER, W. A geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução: WertherHolzer. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, p. 140-153, 2011.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto R. de Moura. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- MASSEY, D. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (Org.). **O espaço da diferença**. 1. ed. Campinas: Papirus, p. 176-185, 2000.
- MARANDOLA JR., E. Lugar enquanto circunstancialidade. In: MARANDOLA JR., E (Org.). **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. ed. 1. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MARTINS, E. Novos Movimentos Religiosos: duas questões. **Teologia e Espiritualidade**, Curitiba, v. 4, n. 08, p. 7-16, 2017. Disponível em: <https://faculadecristadecuritiba.com.br/storage/2018/11/Numero-8-Dezembro-2017-Art1.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2024.

MORAES, Antonio Jarbas Barros de. **Espaço-imagético religioso**: experiências marianas das novas comunidades católicas Maranata e Rainha da Paz da diocese de Sobral (CE). 2023. 168 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2023.

MORAES, A. J. B. A paisagem da jornada mundial da juventude: imagem e peregrinação internacional. In: SOUZA, J. A. X. **Paisagens Patrimoniais e Artes na América Latina**. 1. ed. São Luís: EDUEMA, 2022.

OLIVEIRA, J. R. O *on* e o *off* da fé na hipermodernidade: a religião e as novas interfaces do sagrado na era 2.0: O exemplo no Vale do Paraíba (SP). 2017. 261 f. **Tese (Doutorado em Geografia)** – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

OLIVEIRA, C. D. M. **Caminhos da festa ao patrimônio geoeeducacional**: como educar sem encenar geografia?. 1. Ed. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

OLIVEIRA, C. D. M. de *et al.* As organizações religiosas brasileiras frente à pandemia de Covid-19. **Journal of Latin American Geography**, Texas, v. 19, n. 3, p. 272-279, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/53304>. Acesso em: 08 fev. 2023.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de; MORAES, Antonio Jarbas Barros de. Place and Religious Geographicity of the New Catholic Communities of Sobral (CE). **Open Journal of Social Sciences**, v. 12, n. 7, p. 20-32, 2024. Disponível em: <https://www.scirp.org/journal/paperinformation?paperid=134411>. Acesso em: 04 de set. 2024.

OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia. **Paho**, Washington, 11 Mar. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3wORlaM>. Acesso em: 22 dez. 2024.

PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. **A realidade social das religiões no Brasil**. 1. Ed. São Paulo, Hucitec, 1996.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?: Geografia, epistemologia, fenomenologia**. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, p. 17-32, 2014.

RELPH, E. **Place and placelessness**. 1. ed. London: Pion, 1976. 174p.

ROSENDAHL, Z. Os caminhos da construção teórica: ratificando e exemplificando as relações entre espaço e religião. In: ROSENDAHL, Z; CORRÊA, R. L. (Org.). **Espaço e Cultura: Pluralidade Temática**. 1. ed. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2008.

ROSENDAHL, Z. **Hierópolis**: o sagrado e o urbano. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.

ROSENDAHL, Z. **Uma procissão na geografia**. 1. ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018. 408p.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e Religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

SERPA, A. **Por uma Geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2019.

SOUZA, J. A. X. **Espaços de peregrinação: ver e sentir o sagrado na Romaria de Nosso Senhor do Bonfim – TO**. 2017. 229 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

TURNER, V. **O processo Ritual: estrutura e anti-estrutura**. Tradução por Nancy Campi de Castro. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 1974 (1969).

TURNER, V. **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

TUAN, Yi.Fu. **Sacredspace: exploration of an idea**. In: BUTZER, K. **Dimensions of Human Geography**. Chicago: Universidade de Chicago, 1978, pp. 615-32.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução por Livia de Oliveira. 1. ed. Londrina: Eduel, 2012.

WEBER, M. **Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva**. 1. ed. Brasília: UNB, 1991 (1921).

Recebido em 17 de setembro de 2024.

Aceito em 02 de fevereiro de 2025.

Publicado em 16 de abril de 2025.